

# Laurenço diz que PMDB quer o lugar de Sarney

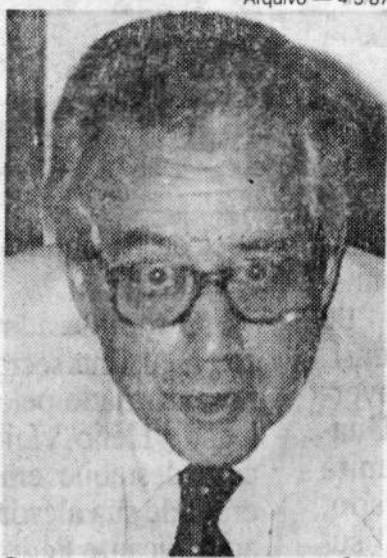
BRASÍLIA — O líder do PFL na Constituinte, deputado José Laurenço, acusou o PMDB de tentar um golpe com o parlamentarismo. "O PMDB encontrou uma forma de chegar ao poder total, afastando o presidente José Sarney." Advertiu que parlamentarismo com eleição direta para presidente será uma fonte permanente de crise. "Estão enganando o povo. Ninguém está esclarecendo à opinião pública que o presidente eleito não vai mandar absolutamente nada."

Nos cálculos do líder do PFL, hoje a tendência majoritária dentro do PMDB é pelo parlamentarismo. Entre os pemedebistas não haveria mais que 110 presidencialistas. Laurenço desafiou o PMDB a expor à nação por que deseja o sistema parlamentarista de governo, "sem se esconder atrás de um biombo."

**Novo Cruzado** — "Quando o povo souber do que se trata, vai reagir e não vai às urnas, ou vai votar em banco", disse o líder. "Vão dizer que este é o novo Plano Cruzado I da política, e já basta o que o PMDB fez da primeira vez". Laurenço acha que a fórmula proposta torna inevitável o conflito entre o presidente e o primeiro-ministro será inevitável. "Um presidente eleito em dois turnos, com mais de 40 milhões de votos, vai concordar em designar um primeiro-ministro para governar por ele?"

O líder citou os exemplos da França e de Portugal, onde convivem parlamentarismo e eleição direta de presidente. "O sistema parlamentarista da França não foi feito para a França, mas para De Gaulle. Veja-se a crise em que resultou. Em Portugal, no governo passado, os atritos entre o presidente Ramalho Eanes e o primeiro-ministro Mário Soares colocaram o país em situação difícil".

"Ou presidencialismo puro, ou parlamentarismo puro", acrescentou Laurenço, para quem as dificuldades do sistema proposto pelo PMDB começam já na campanha eleitoral. "Como um candidato vai prometer uma melhor distribuição de renda, se quem vai governar é o primeiro ministro? O que este candidato pode dizer ao povo?", indagou. "É preciso que se esclareça à população que, no sistema parlamentarista, o presidente apenas corta faixas de inauguração e aprova a indicação do primeiro-ministro feita pela Câmara. Espero que pelo menos os parlamentaristas do PMDB mantenham o poder do presidente de dissolver a Câmara e convocar novas eleições."



Laurenço: povo enganado

Arquivo — 5/11/84



Guerra: uma saída honrosa

## PFL vai debater sistema

A Executiva Nacional do PFL vai se reunir, no início da próxima semana, para definir sua posição oficial sobre o sistema de governo a ser implantado pela nova Constituição, entre outros assuntos polêmicos. A informação é do líder do PFL, José Laurenço, que defendeu o fim das negociações com os parlamentaristas. "O negócio é bater chapa. Quem for a favor do governo, vota pelo presidencialismo. Quem for contra, vota pelo parlamentarismo", disse. Laurenço anunciou ainda que começará a negociar com o PT e o PDT, ambos presidencialistas, em favor deste sistema de governo. Adiantou que, com algumas modificações, o PFL concorda com a emenda de Vivaldo Barbosa (PDT-RJ), que mantém o sistema presidencialista com ampliação de poderes do Legislativo e do Judiciário, e o voto proporcional.

Embora oficialmente seja esta a posição de Laurenço, ele e o presidente do partido, Marco Maciel, têm sido alertados desde a semana passada sobre a fragilidade dos cálculos feitos pela liderança do governo e pelo Palácio do Planalto, na questão do sistema de governo. "Só um imbecil pode achar que o sistema presidencialista está vitorioso", afirmou o deputado Alcení Guerra, que chamou, no domingo de manhã, o líder José Laurenço para uma conversa em sua casa. De início, expôs a ele o seguinte quadro: só na Sistematização existem de oito a dez pefelistas que são parlamentaristas, quando pelas contas do líder do governo, Carlos Sant'Anna, o PFL não pode dar mais de três votos ao parlamen-

tarismo na Sistematização, sob pena de derrota.

**Comissão** — "A saída honrosa para o PFL é negociar o parlamentarismo para depois de Sarney", defendeu Alcení Guerra. Para ele, esta fórmula fará com que o partido não crie atritos com Sarney, participando da negociação de uma implantação gradual do novo sistema de governo; e poderá ainda negociar a não inclusão do voto distrital, que pode acabar tanto com o PFL como os demais pequenos partidos. "O governo está trabalhando em cima de informações falsas. O presidente José Sarney acha que o presidencialismo está vitorioso, mas está derrotado. Sarney radicalizou nas negociações e reagiu de forma violenta porque não está sabendo a realidade", disse ontem o vice-líder.

Embora não tenha sensibilizado o líder para a sua tese de negociação do parlamentarismo pós-Sarney, Guerra conseguiu pelo menos uma vitória: foi criada uma comissão, da qual ele é o presidente, para estudar o impacto do voto proporcional no partido. Embutida nesta questão, o deputado fará também uma análise sobre a penetração da tese parlamentarista no PFL.

Segundo outro parlamentarista do partido, os cálculos da liderança do governo acabaram sendo escamoteados pelas pressões que vêm sendo exercidas tanto pela cúpula do partido, como pelos ministros pefelistas e pelo líder governo, Carlos Sant'Anna. Essa fonte garante que existem muitos parlamentaristas disfarçados; e outros que eram presidencialistas, acabaram mudando de idéia.

# Ulysses não pede voto para ajudar presidente

BRASÍLIA — O presidente da Constituinte, deputado Ulysses Guimarães, não está disposto a atender ao presidente José Sarney, que espera dele um engajamento em favor do presidencialismo. Ulysses deixou claro sua posição quarta-feira à noite, numa conversa com Carlos Sant'Anna, líder do governo na Constituinte, que lhe pediu que ajudasse o presidente. "Basta o senhor começar a usar o telefone para muita gente hoje inclinada ao parlamentarismo votar pelo presidencialismo", sugeriu Sant'Anna.

Ulysses Guimarães coçou o queixo e murmurou: "Não". Se não é parlamentarista, Ulysses também não apóia a emenda Theodoro Mendes, patrocinada pelo Palácio do Planalto, que concentra todos os poderes concentrados nas mãos do presidente. Ele já disse que não apóia um presidencialismo que consagra o decreto-lei.

**Preferência** — O presidente da Constituinte disse ainda que seu modelo de regime é o parlamentarismo moderado do jurista Miguel Reale Júnior e que já foi apresentado, em forma da emenda, duas vezes na Constituinte — a primeira vez por Maurílio Ferreira Lima (PMDB-PE) e agora por Manoel Moreira (PMDB-SP). Por esse modelo, o presidente da República é auxiliado por um primeiro-ministro, que pode ser objeto de voto de desconfiança e de censura do Parlamento. Este também pode ser dissolvido, desde que se mostre incapaz de votar um nome para primeiro ministro.

Desde que foi apresentada à Comissão de Sistematização, a emenda Theodoro Mendes não agradou a Ulysses. Ele critica sobretudo a concentração de poderes com o presidente e acha imperdoáveis dois artigos: o que dá ao presidente da República poderes para tomar medidas de emergência sem ouvir os outros poderes e o que lhe autoriza a continuar emitindo decretos-leis.

Mas a tentativa de Carlos Sant'Anna não foi em vão. Ulysses prometeu ouvir as lideranças partidárias e propor a Afonso Arinos, presidente da Comissão de Sistematização, que inicie pelo sistema de governo a votação do projeto de Bernardo Cabral, marcada para o dia 21 de setembro. Sant'Anna acha que isso forçará uma definição imediata dos parlamentares que estão a favor de Sarney. Ele estima que o presidencialismo tenha 50 votos na Comissão de Sistematização.

**Divisão** — O líder do governo também aposta na divisão dos grupos favoráveis ao parlamentarismo. Defendendo fórmulas parlamentaristas existem os projetos de Nelson Carneiro, José Fogaça, Manoel Moreira, Afonso Arinos e José Richa. Desde ontem, Sant'Anna está sendo cortejado também para adotar a idéia de Virgildásio Sena (PMDB-BA), que defende um parlamentarismo com o presidente Sarney acumulando as funções de chefe de Estado e de governo, a ser implantado já no próximo ano. O parlamentar convervou longamente ontem com Carlos Sant'Anna e hoje vai procurar Bernardo Cabral, para tentar sua adesão à idéia.



Egydio: revelando munição

Brasília — Wilson Pedrosa

## Nelson une contra Planalto

O deputado Egydio Ferreira Lima (PMDB-PE) disse que a emenda do senador Nelson Carneiro (PMDB-RJ) é a principal arma contra as pressões do Palácio do Planalto para manter o presidencialismo, porque tem apoio dos demais autores de propostas parlamentaristas — ele próprio, o senador Afonso Arinos (PFL-RJ), o senador José Fogaça (PMDB-RS) e o deputado Victor Faccioni (PDS-RS). O deputado Cid Carvalho (PMDB-MA), que esteve antontem com o presidente José Sarney, assegurou, porém, que "não há consenso e não haverá sem os seis anos para o atual governo".

Egydio revelou que divulgado, há duas semanas, o substitutivo Bernardo Cabral, líderes parlamentaristas reuniram-se na Comissão de Finanças do Senado para redigir uma proposta unitária, que terminaria saindo em nome do senador Nelson Carneiro.

Participaram da reunião Egydio; os senadores José Fogaça, Afonso Arinos, Nelson Carneiro e Fernando Henrique Cardoso, líder do PMDB no Senado e coordenador do encontro; o deputado Victor Faccioni, pelo PDS; o deputado Ibsen Pinheiro (RS), representando o líder do PMDB na Câmara, deputado Luís Henrique; e o deputado Pimenta da

Veiga (MG), em nome do líder do PMDB na Constituinte, senador Mário Covas.

**Parlamentarismo já** — "A emenda Nelson Carneiro é nossa proposta e levamos uma vantagem sobre o Executivo, que apenas não quer o parlamentarismo e só agora esboça uma reação de fato, com a emenda Theodoro Mendes", assinalou Egydio.

Para Egydio, que esteve no Planalto tratando do tema. "Sarney se renderá às evidências" e sua declaração, de que debate mas não negocia o tema, "é apenas para deixar portas abertas à negociação". O deputado Milton Reis (PMDB-MG), que na quinta-feira passada também falou com Sarney, concordou: "A tática do presidente, ao dizer isso, é encurtar os espaços que possam levar ao parlamentarismo".

Sarney voltou a falar de parlamentarismo com o deputado Cid Carvalho antontem, ao mesmo tempo em que anunciava o fim da negociação. Egydio interpretou a contradição: "Político, quando abre a boca e fala, já está negociando, mesmo dizendo que não".

O MUP, ala esquerda do PMDB, quer o parlamentarismo como está no texto do relator Bernardo Cabral, mas aceita a emenda Nelson Carneiro.

Brasília — Wilson Pedrosa

## Cid Carvalho Um apelido para quem muda muito

O deputado Cid Carvalho, que antontem encontrou-se com o presidente da República para conversar sobre parlamentarismo e que, hoje, defende seis anos de mandato para o seu conterrâneo, durante os 20 anos de militarismo foi um inimigo feroz e radical dos Sarney no Maranhão. Ambos surgiram na política sob a proteção de Vitorino Freire, maior liderança no Estado no final da década de 50, romperam relações após 1964 e só vieram a se reconciliar em julho de 1984, às vésperas de Sarney tornar-se candidato

a vice-presidente na chapa de Tancredo Neves.

Em sua juventude, Cid Carvalho esteve muito próximo ao Partido Comunista Brasileiro — PCB — mas, ao eleger-se pela primeira vez deputado federal, no final dos anos 50, integrava o PSD de Vitorino Freire. Se, então, apoiava Vitorino no Maranhão, engajava-se, por outro lado, na chapa da Frente Parlamentar Nacionalista, a de Lott-João Goulart, na sucessão de Juscelino.

Tal versatilidade lhe valeria um apelido, criação do jornalista Nagib Jorge Neto e do poeta Bandeira Tribuzi — grande amigo de Sarney, falecido em 1985. "Carrapeta", assim o chamavam os inimigos. "Carrapeta", nos estados do Sul, vem a ser "pião", brinquedo de madeira que, solto do barbante, muda constantemente de posição. Após 64, no entanto, Cid Carvalho manteria a mesma posição intransigente, contra o militarismo e contra Sarney. Até mudar de posição no alvorecer da Nova República.



Cid: seis anos para Sarney